

# A gripe espanhola foi um negócio lucrativo: historiografia e publicidade nos jornais de 1918

---

*The Spanish flu was a lucrative business: historiography and advertising in the newspapers of 1918*

---

**Claudio Bertolli Filho<sup>1</sup>**

---

1. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Bauru.

---

## **Palavras-chave**

veículos de imprensa, gripe espanhola, historiografia

## **Keywords**

*media, Spanish flu, historiography*

## **Introdução**

A proposta de celebrar o primeiro centenário da pandemia de influenza, ocorrida em 1918, estabelece como ponto de partida necessário algumas reflexões acerca da historiografia acadêmica nacional sobre o tema, a qual foi inaugurada na década de 1980. O silêncio que se manteve até aquele período sobre uma das mais impactantes crises sanitárias do século XX não se constitui como um fenômeno exclusivamente brasileiro. Nos Estados Unidos, somente em 1976 o tema ganhou destaque quando o historiador Alfred W. Crosby, então docente da Yale University, publicou o livro *Epidemic and peace*, republicado anos depois com um novo título, o qual ressalta a condição de "epidemia esquecida" da gripe espanhola (CROSBY, 2003). Apesar de ser a primeira pandemia que ganhou ampla

cobertura da mídia, nas décadas seguintes à sua ocorrência o assunto foi preterido pelos pesquisadores em prol de outras questões de saúde pública, como a febre amarela, a tuberculose, o câncer e a Aids.

Reportando-se ainda ao contexto estadunidense, o desafio proposto por Crosby gerou um número significativo de publicações sobre o tema, a maior parte delas comprometida com abordagens que buscavam delinear a presença da pandemia nos cenários das principais nações do planeta, derivando também para a análise das discussões científicas sobre a especificidade do vírus da influenza (KOLATA, 2001; BARRY, 2005). Somente em anos mais recentes é que houve empenho da historiografia norte-americana em estreitar o foco das análises para o evento gripal em escala regional, destacando-se neste aspecto o recém-lançado estudo de Curt Brown, autor que buscou situar a pandemia a partir do enfoque da administração pública e do cotidiano de Minnesota, especialmente da capital estadual, Saint Paul, e a principal cidade do estado, Mineápolis (BROWN, 2018).

Em relação às pesquisas realizadas no Brasil sobre a gripe espanhola, elas são fruto, sobretudo, de uma geração de pesquisadores que foram formados a partir dos postulados oferecidos pela *Nouvelle Histoire*, linhagem historiográfica que tem enfatizado o enfoque de novos temas, a recorrência a novos núcleos documentais que exponham as tramas do cotidiano coletivo, incentivando também a realização de estudos que associam a História a outras áreas científicas. Nessa rota, houve a superação das visões nutridas por uma nem sempre dissimulada euforia sobre o progresso dos espaços metropolitanos por análises comprometidas, em grande parte, com as tensas relações entre Estado e Sociedade, assim como entre capital e trabalho. Isso deu corpo a estudos alinhados com a então denominada "história dos vencidos", isto é, pesquisas que privilegiavam as perspectivas do cotidiano a partir da ótica das classes subalternas. Em desdobramento, os novos historiadores da medicina, muitos deles identificados com a história local, empenharam-se em oferecer novas luzes sobre uma história que até então era produzida predominantemente por profissionais da saúde e que tendia a enfatizar os "avanços das ciências", louvando o saber especializado e seus

personagens de destaque segundo uma ótica neopositivista. A nova proposta resultou no empenho de entrelaçamento entre História, Ciências Sociais e o campo da Saúde Coletiva, permitindo com isso a substituição do rótulo "História da Medicina" por "História Social da Medicina e da Enfermidade".

Foi nesse processo insuflado não só pela insuficiência dos apoios historiográficos herdados, mas também pela busca de possíveis respostas aos problemas e angústias geradas pelo contexto político e sanitário dos anos de 1970 e 1980, que a pandemia gripal ganhou importância acadêmica, implicitamente articulando-se tanto no plano político quanto epistemológico com a proposta acenada pela história recorrente (BERTOLLI FILHO, 2017). Neste sentido, deve-se ressaltar que, na década de 1970, todos tinham vivenciado a reconfiguração traumática de algumas esferas do cotidiano devido à epidemia de meningite, assim como a especificidade do gerenciamento oficial da crise imposto pelo governo militar (BERTOLLI FILHO, 2005).

Sob estas condicionantes foi que a "espanhola" – designação, assim como "peste", corriqueiramente invocada como referência à pandemia gripal no contexto paulista – galgou o patamar de tema de importância para os pesquisadores. Não havendo o interesse em esgotar as referências bibliográficas, como obras balizadoras dos estudos tematizados pela influenza encontram-se a dissertação originalmente datada de 1986 de Claudio Bertolli Filho (2003) e a tese de Liane Maria Bertucci de 2003 (BERTUCCI, 2004), ambas sobre a cidade de São Paulo, e ainda a tese 2007 de Christiane Maria Cruz de Souza (SOUZA, 2009) sobre Salvador. Acrescenta-se o artigo de autoria de Nara Azevedo de Brito (BRITO, 1997) sobre a cidade do Rio de Janeiro. Ressalta-se também que, apesar de tais estudos centrarem suas análises em algumas capitais estaduais, todos eles tecem importantes referências sobre as determinantes estaduais e nacional que implicaram nas tramas regidas pela epidemia em nível de uma única cidade.

Apesar de importantes, esses estudos, marcadamente sustentados por enquadramentos de amplo espectro ao analisar espaços metropolitanos, não chegam a dar contas de questões mais específicas, afastando-se,

nesse sentido, do que pode ser denominado de micro-história. A partir desse impulso historiográfico inicial, abriu-se uma nova fase de questionamentos; alguns analistas buscaram restringir o enfoque de seus estudos anteriores, resultando em textos como o de Bertolli Filho (2010) sobre os critérios de noticiabilidade adotados pela imprensa de 1918 ao se reportar à epidemia, e o de Bertucci (2010) sobre as relações entre ciência, população e medo. Além destes, uma novíssima geração de historiadores está assumindo a tarefa de especificar melhor a experiência pandêmica, destacando-se nesse setor João Paulo Dall'Ava e André Mota, que oferecerem uma ótima análise sobre a atuação de uma unidade fabril interiorana durante a quadra epidêmica (DALL'AVA; MOTA, 2017). Acrescenta-se ainda o fato de que, durante a epidemia gripal do final da década passada, historiadores com experiência no tema foram recrutados pela Casa de Oswaldo Cruz para discorrer sobre um possível entendimento do que estava então ocorrendo, oferecendo um excelente exemplo de aplicação da metodologia esboçada pela história recorrente (ALVAREZ et al., 2009).

A partir deste cenário historiográfico, segundo o qual a tendência atual é o privilégio das subtramas regidas pela epidemia de influenza, estabelece-se o recorte temático deste texto. A opção recaiu sobre o material produzido em nome da publicidade e veiculado pelos jornais paulistanos durante o período no qual a 'espanhola' grassou na cidade e em todo o país.

A alusão ao termo "publicidade" e não "propaganda" deve-se a motivos conceituais, pois se propaganda se refere à divulgação de ideias e pessoas, publicidade indica o intento de expor produtos e serviços à venda, portanto, uma ação vinculada a interesses econômicos (PIEDRAS; JACKS, 2006). Ressalta-se que, como será constatado no decorrer do texto, são fluidas as fronteiras entre a intenção de negociar mercadorias e a apresentação de eventos e personagens, sendo possível deparar-se com situações nas quais o discurso publicitário oferecia explicações sobre a pandemia que em nada correspondiam às falas dos principais médicos que estavam atuando na cidade.

A decisão de utilizar a documentação publicitária para esse estudo conta com outros motivos. Um deles é

1.  
A maior parte das informações constantes neste tópico foram extraídas de Bertolli Filho (2003).

que os anúncios estampados nos jornais, apesar de serem indicados já há um bom tempo como fontes que possibilitam uma leitura peculiar da história (RODRIGUES, 1978; FREYRE, 1979), ainda não receberam a devida valorização pelos estudiosos que, no mais das vezes, as utilizam como material ilustrativo de seus textos, pouco atinando para a dimensão cultural e econômica da publicidade. Outro motivo é que, como instrumento que instiga a venda de produtos, articula-se à lógica do mercado e, não só em 1918, mas também até os dias atuais a publicidade empenha-se em oferecer itens que, supostamente ou não, podem colocar as pessoas a salvo das ameaças epidêmicas.

Durante a epidemia gripal de 2009, uma certa vidente estabelecida na zona norte paulistana oferecia, mediante a utilização de cristais, o serviço de alteração do DNA dos seus clientes que assim ficariam protegidos do contágio do H1N1. No mesmo sentido, no tempo presente, a sucessão de casos de febre amarela conjuga-se com a ampla disseminação de spams que oferecem um produto já antigo, mas agora anunciado como "novidade", constituindo-se em um dispositivo eletrônico que promete proteger os ambientes fechados do vetor amarelo, assim como outra publicidade virtual invoca uma "nova e revolucionária pulseira protetora do mosquito transmissor da febre amarela, dengue, zika e chikungunya. Proteção e segurança para toda a família", ganhando-se de brinde anéis com as mesmas propriedades. No interior paulista, o autor deparou-se com um anúncio afixado na porta de uma imobiliária, o qual oferecia para venda casas que, segundo o comunicado, localizavam-se em áreas onde inexistiam o "mosquito da febre amarela", aproximando-se do teor de peças publicitárias veiculadas em São Paulo há um século.

Como anfiteatro da discussão, é necessário se estabelecer o cenário montado pela presença da epidemia na cidade, condição necessária para o entendimento da publicidade e seus efeitos que, em seguida, serão analisados. **A 'espanhola' e as novas necessidades de uma sociedade ameaçada<sup>1</sup>**

Em 1918, São Paulo era um emblema da modernidade nacional. A multiplicação das unidades fabris rimava com os

ganhos nos negócios rurais e com o aumento populacional que, somente na urbe paulistana, aproximava-se dos 500 mil habitantes. A mística bandeirante ensinava que os paulistas estavam aptos para enfrentar qualquer desafio, pois a Ciência se impunha em todos os campos e determinava o "progresso" regional.

No entanto, uma série de circunstâncias começaram a solapar o triunfalismo e a segurança paulistas devido a situações que foram sintetizadas como sendo "os cinco fatídicos gês". A primeira delas, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), amplamente divulgada pela imprensa local, colocava diariamente os contingentes que migraram da Europa em contínuo sobressalto, pois sempre havia um filho, um pai ou qualquer outro parente ou amigo que permanecera no "Velho Mundo" e estava diretamente envolvido no conflito. Em seguida, as greves operárias, que haviam tomado os meses de 1917, prometiam se repetir no ano em curso, mobilizando os trabalhadores e assustando a todos pelo grau de violência praticado tanto pelos repressores como pelos paredistas. Em continuidade, uma praga atribuída então aos gafanhotos, mas que na verdade era de lagartas rosadas, inutilizara uma parte substancial da produção agrícola nos primeiros meses do ano.

Na estação invernal, um frio intenso se abateu sobre o território paulista e uma persistente geada arruinou ainda mais o que restara da produção agrícola, inclusive nas chácaras dos distritos rurais paulistas, as quais eram responsáveis pela maior parte do abastecimento de hortifrutigranjeiros do município, elevando ainda mais o preço dos gêneros alimentícios na Capital e condenando os mais pobres à fome. Pela primeira vez na história, o espigão, onde duas décadas antes havia sido aberta a Avenida Paulista, amanheceu numa manhã do final de junho coberto pela neve. As árvores e as flores que embelezavam o Parque Trianon foram queimadas pelo frio, conferindo à área e à toda cidade um aspecto enfeado e lúgubre.

As imagens fantasmagóricas da guerra, das greves, da praga de "gafanhotos" e das geadas sobrepunham-se, instruindo a pena dos cronistas paulistanos na composição de um cenário apocalíptico. Faltava somente a peste e a morte. E estas vieram compor o "quinteto maldito" sob

a rubrica da gripe epidêmica, mais conhecida como "gripe espanhola" ou simplesmente "a espanhola".

Desde o começo de 1918, uma pandemia de influenza teve início, sendo então apontado como foco inicial o interior da China e, mais recentemente, o estado norte-americano do Texas, regiões onde predominavam unidades criadoras de porcos. Acredita-se que o vírus da gripe tenha sofrido mutação gênica nos suínos e contaminado os humanos em larga escala, sendo notificada em todos os continentes e causando um número não preciso de mortes, apontando-se entre 20 e 50 milhões de casos fatais. Apesar de a esquadra médica brasileira enviada para atuar nos campos de batalha da Europa ter sido praticamente dizimada pela influenza logo que os navios aportaram no porto africano de Dacar, o Brasil mantinha-se relativamente tranquilo, sendo que Carlos Seidl, diretor do Departamento de Saúde Nacional, ordenou que o lazareto da Ilha Grande fosse reaberto para, se necessário, lá isolar os eventuais gripados cariocas.

É bem provável que os primeiros casos nacionais de influenza tenham ocorrido a partir de 14 de setembro, quando um vapor de bandeira inglesa chegou aos portos brasileiros. Tendo alguns de seus tripulantes gripados, após fazer escalas em Lisboa, a embarcação atracou sucessivamente em Recife, Salvador e Rio de Janeiro, infectando nativos e fazendo com que até o encerramento daquele mês as três cidades tivessem declarado estado epidêmico. Desses pontos, a gripe disseminou-se por todo o país, havendo informações que tribos amazônicas tenham sido extintas devido à mortandade causada pela doença. No Brasil também não se precisou o número de mortos pela influenza, mas acredita-se que pelo menos 50 mil pessoas tenham perdido a vida devido à infecção gripal.

Na capital paulista, os primeiros casos de influenza foram registrados em 13 de outubro entre os hóspedes e funcionários de um hotel situado no Largo de São Bento. No dia anterior, uma equipe carioca de futebol chegou à cidade com alguns de seus atletas já apresentando sinais de gripe, os quais foram inicialmente diagnosticados como casos de gripe comum ou resfriado.

A rápida multiplicação de casos de influenza levou o Serviço Sanitário do Estado, dirigido por Artur Neiva, a

decretar o estado epidêmico poucos dias depois, mesmo pertinentemente, sendo que tal condição só foi suspensa em 19 de dezembro, quando então declarou-se que a cidade estava livre do "grande mal". Entre os dias 13 de outubro e até o final do ano, um terço da população paulistana apresentou sinais da infecção e, seguindo a taxa mundial de mortalidade, neste período, no mínimo 1% dos habitantes da urbe chegou a óbito pela gripe. A pesquisa realizada pelo autor a partir dos Livros de Cemitérios da cidade permitiu localizar os registros de 5.100 mortes cujas causas foram assinaladas como sendo alguma variante da influenza, número certamente inferior às que realmente ocorreram, pois especialmente nas áreas periféricas do município era praticamente impossível o acesso a médicos e às necrópoles. Devido a essas condições, há informações sobre sepultamentos que ocorreram em áreas particulares e em beiras de estradas sem que houvesse o registro oficial dos falecimentos.

Na segunda quinzena de outubro, o número de notificações de novos casos de infecção gripal crescia diariamente; apesar disso, o Serviço Sanitário informou que estava inteiramente capacitado para a tarefa de controle da enfermidade e assistência dos enfermos. No entanto, no final do mês, quando cerca de 100 novos casos diários estavam sendo notificados, Artur Neiva veio a público para declarar que o Serviço Sanitário pouco ou nada podia fazer para limitar a disseminação da gripe e para assistir aqueles que já haviam sido infectados, a não ser expedir boletins diários que informassem sobre a marcha da epidemia e oferecer informações gerais sobre o que a população deveria fazer enquanto grassava o "mal". A partir de novembro e até meados do mês, a escalada da morbidade e da mortalidade gripal cresceu em número de vítimas, chegando em 15 de novembro a serem registrados oficialmente 45 mil novos casos da infecção.

Desde a constatação dos primeiros casos, a comunidade médica cingiu-se. Imitando a sociedade abrangente, alguns médicos, protestando estarem infectados, abandonaram a cidade e buscaram refúgio nas cidades interioranas, o que obrigou o Serviço Sanitário a convocar clínicos e enfermeiros atuantes em outras localidades do Estado para dar assistência aos paulistanos. Os médicos que permaneceram na cidade não chegavam a um



consenso sobre o agente causador da influenza e a terapêutica que deveria ser utilizada tanto para a prevenção quanto para o tratamento dos acometidos pela 'espanhola'. O desconhecimento da especificidade do micróbio da influenza levou o até então harmônico agrupamento de clínicos estabelecidos na cidade a fragmentar-se, voltando-se parcialmente contra as orientações medicamentosas expedidas por Artur Neiva. A análise das receitas prescritas pelos profissionais da saúde e publicadas em artigos científicos, e especialmente nos jornais, permitem constatar que aproximadamente 178 drogas foram prescritas pelos clínicos paulistanos, resultando em 235 composições que não apresentavam nenhum componente específico e eficiente contra a epidemia reinante.

As administrações públicas municipal e estadual também se declararam incapazes de tomar medidas eficientes para salvaguardar a população. Uma semana após o início da epidemia, momento no qual vários vereadores já haviam buscado refúgio em localidades interiores, contribuindo para a ampliação de espaço geográfico tocado pela "peste", os edis que permaneceram na capital encontraram-se em uma rápida e assustada reunião, aprovando por unanimidade a permissão de o prefeito Washington Luís abrir verbas extraordinárias e empregá-las na defesa da cidade. Sem saber exatamente o que fazer, o prefeito, em acordo com o governador Altino Arantes, utilizou o dinheiro público para expandir os terrenos e murar os cemitérios já existentes, instalar novas necrópoles e ainda adquirir milhares de urnas funerárias destinadas ao sepultamento dos mortos tocados pela miséria (SÃO PAULO (Município)).

Os primeiros lucros com a crise sanitária passaram a acontecer. As empresas das famílias Matarazzo, Gamba e Falchi encarregaram-se da realização dos serviços de reforma e construção em cemitérios e também da produção de caixões, enquanto que a Casa Rodovalho se comprometeu em transportar e sepultar os mortos mais pobres. Pouco depois, essas empresas foram acusadas de prestarem tais serviços de forma precária e cobrarem da municipalidade valores bem acima daqueles vigentes nos períodos de normalidade sanitária.

As declarações oficiais de que pouco ou nada podia ser feito em benefício da gente paulista resultaram em

iniciativas singulares. A ausência de uma orientação terapêutica mais precisa e a escassez das drogas recomendadas pelos médicos, que tiveram seus preços imediatamente elevados, coagiram muitos paulistanos a recorrerem ao tradicional Formulário Chernoviz e a almanaques farmacêutico-laboratoriais para tentar identificar substâncias que melhor os protegessem contra a "peste". Ainda passaram a empregar itens clássicos para a prevenção da infecção, como alho, cebola, pimenta, canela, limão, cânfora, vinagre e, sobretudo, o consumo exagerado de aguardente, o qual foi condenado pelo Serviço Sanitário.

Devido à precarização das condições de vida no município e quase sempre sem apoio governamental, os paulistanos empenharam-se em criar estratégias de socorro às vítimas da gripe. Hospitais provisórios foram instalados nos distritos operários por agremiações de imigrantes, ordens religiosas e sociedades esportivas, locais onde os necessitados eram atendidos por médicos formados, alunos da jovem Faculdade de Medicina, farmacêuticos e também por indivíduos que atuaram como profissionais de saúde mesmo sem qualquer instrução na área, como o advogado e futuro escritor Paulo Duarte. Além disso, a fome ganhou novos e mais trágicos contornos, sendo então instaladas "cozinhas populares" para alimentar os mais carentes.

Foi nesse ambiente que o medo coletivo ganhou uma densidade provavelmente nunca experimentada pelos habitantes da capital de todos os paulistas. O receio da infecção e da morte instigaram a publicidade tematizada pela epidemia a ocupar as páginas dos jornais da cidade que, poucos anos depois, seria cognominada pelos modernistas como "Paulicéia desvairada".

### **As opções de consumo em um mundo epidêmico**

Mesmo que o Serviço Sanitário contasse entre suas atividades o compromisso de avaliar a qualidade, a produção e a comercialização de drogas e outros produtos atinentes à saúde pública (SÃO PAULO (Estado), 1918, p. 44), o caos e a urgência regidos pela epidemia impediram a fiscalização do que era exposto e comercializado sob o pretexto de proteger e mesmo curar os gripados. De fórmulas

retomadas da medicina popular aos novos produtos laboratoriais, além de uma infinidade de itens não diretamente vinculados à 'espanhola', muitos tinham algo para vender. Nesse processo, mais de três centenas de produções publicitárias foram veiculadas pela imprensa diária no "tempo da peste", sendo que tais peças ganharam uma nova e surpreendente dinâmica e importância frente aos amedrontados paulistanos.

Os anúncios pagos que expunham produtos à venda tornaram-se disseminadores das orientações oficiais e também de versões sobre a influenza que eram rejeitadas pelo Serviço Sanitário, dando corpo a uma polifonia que condenava a população a um estado de contínua indecisão sobre o que causava a epidemia, como evitá-la e, ainda, como socorrer os enfermos. Se várias mercadorias e serviços foram oferecidos no decorrer de todo o período epidêmico, as mensagens publicitárias mostraram-se moduladas pelas diferentes etapas do ciclo da doença. No decorrer da segunda quinzena de outubro, marcada pelo aumento diário, porém limitado, de casos gripais, foram anunciados serviços médicos e drogas definidos como "preservativos" contra a gripe, enquanto que o mês de novembro foi dominado pela oferta de "específicos" contra a influenza, isto é, remédios e estratégias que supostamente curava os doentes. Por fim, as peças publicitárias datadas dos últimos dias de novembro e de todo o mês de dezembro centravam-se em produtos indicados como apropriados para a convalescência daqueles que sobreviveram à infecção.

### **Médicos e "preservativos"**

Poucos dias após a declaração do estado epidêmico, as primeiras apresentações publicitárias foram patrocinadas pela própria comunidade médica. Ainda identificando-se como plenamente aptos para curar as vítimas da influenza, os clínicos mais conhecidos na cidade mantiveram-se discretos, e suas palavras foram apresentadas em entrevistas concedidas aos órgãos da imprensa ou incorporadas aos boletins diários elaborados pelo Serviço Sanitário. No entanto, alguns médicos e também nosocômios de menor prestígio apressaram-se em aproveitar a conjuntura para

ampliar suas possibilidades de ganho, recorrendo aos anúncios nos jornais para atrair mais pacientes.

Um exemplo é a divulgação pela Policlínica da Luz mediante mensagem colocando-se à disposição com seu corpo clínico composto por oito distintos médicos para atendimento a qualquer hora de pacientes (BERTOLLI FILHO 2003).

No entanto, o isolamento hospitalar era inacessível para os mais pobres, sabendo-se que a diária de um nosocômio popular chegava a custar um preço superior a um mês de salário de um trabalhador não especializado. Certamente por este motivo, alguns médicos acomodaram-se em informar sobre consultas em seus gabinetes, muitos deles fazendo promessas que jamais poderiam ser cumpridas, como se deu com o Dr. Luiz F. Jardim e com o Dr. Moura Lacerda, este último oriundo do Rio de Janeiro. Logo após o registro dos primeiros casos de gripe, *A Gazeta* e vários outros jornais publicaram que Lacerda era um médico atuante e respeitado no ambiente carioca, acrescentando que "em 38 dias de concorridíssima clínica não perdeu um só doente da peste epidêmica".

Mais do que orientação e assistência médica, a população mostrava-se ávida pela obtenção de remédios e dispositivos que prometem colocá-la a salvo das possíveis causas da influenza. As drogas que eram indicadas pelo Serviço Sanitário tornaram-se imediatamente raras e caras; os sais de quinino e os calomelanos foram adquiridos em grande proporção pelo governo sob a promessa que seriam distribuídos gratuitamente a quem os requisitar, o que não chegou a se concretizar de maneira abrangente. As mesmas substâncias, na Botica Veado D'Ouro, tiveram seus preços elevados no mínimo em 500%, tornando sua aquisição impossível para a maior parte da população.

Uma série de anúncios que colocava em associação um médico atuante na Capital Federal e o Instituto Butantan causou sensação pública. No dia 26 de outubro, o jornal da família Mesquita, assim como outros impressos paulistas, publicou a seguinte mensagem publicitária:

*Gripe espanhola*

*O professor Érico Coelho, da Faculdade de Medicina do Rio, está empregando com excelentes resultados no tratamento*

*desta doença o Extrato Tonsilar, preparado no Instituto Butantan.*

*Depósitos Gerais: Armbrust & Cia.*

*(O Estado de S. Paulo, 26 out. 1918, p. 1)*

Também foi nesse cenário que alguns itens já anunciados nos meses precedentes foram rapidamente adaptados para a urgência do momento. Incensos que anteriormente prometiam perfumar o ar doméstico foram metamorfoseados em "purificadores da atmosfera", implicitamente assumindo a teoria miasmática para acrescentar que era a qualidade da atmosfera que continha a "causa" da influenza. O filtro Fiel, cuja publicidade datada de setembro advertia sobre as doenças infecciosas típicas do verão que tinham veiculação hídrica, em meados de outubro redefiniu sua publicidade nos seguintes termos:

*'A espanhola'*

*Adquirindo o Filtro Fiel V.S. terá a certeza absoluta de ficar completamente imunizado contra as doenças infecciosas que atacam o organismo presentemente.*

*Peça já um catálogo ilustrado e mais informações sem compromisso algum ao depositário geral, Arsenio J. Silva.*

*Caixa postal, 745-B*

*Telefone, Central, 5185*

*R. S. Bento, 14, sob. – São Paulo.*

*(O Estado de S. Paulo, 24 out. 1918, p. 11)*

Se esta peça publicitária sugeria que o micróbio gripal seria veiculado pela água, outros anúncios indicavam mosquitos, pulgas, percevejos, baratas e ratos como possíveis hospedeiros do "gênio mortal". Nas páginas da edição de 25 de outubro de *O Estado de S. Paulo*, a Casa Edison localizada na Rua 15 de Novembro e o Bazar Columbia, na rua S. Bento, assim como outras agências comerciais sediadas em Santos e em cidades do interior paulista, propagavam em destaque que, devido ao seus compromissos de fazer "guerra implacável por todos os meios" contra os insetos e roedores, estavam oferecendo a preços módicos formicidas, desinfetantes, pulverizadores e ratoeiras de todos os tipos, os

quais compunham "a melhor medida preventiva contra a influenza espanhola".

Na imprensa, multiplicavam-se as indicações dos meios e situações que poderiam fazer dos paulistas presas fáceis da gripe coletiva. A poeira era uma delas e, neste caso, apresentou-se uma possível proteção com o uso de vassouras mecânicas. Em 24 de outubro de 1918, o *Estado de S. Paulo* e A Plateia anunciavam um produto "diretamente importado dos Estados Unidos da América":

*Mais vale prevenir do que remediar. Todos os médicos estão unânimes em declarar que o pó é o veículo da gripe espanhola, escarlatina e de outras doenças. Evitar a poeira da rua é difícil, porém evitar a poeira em casa é fácil usando em lugar da vassoura arcaica O-Cedar Mop. (O Estado de S. Paulo, 24 out. 1918, p. 11)*

Apesar de tais exposições, eram as possíveis drogas que mais chamavam a atenção da população assustada com a possibilidade de morte, abundante nos jornais publicidades de uma infinidade de produtos que não constavam no ideário médico. A "Caninha do Ó" e a "Caninha do Inferno", por exemplo, diariamente eram apresentadas em diminutos anúncios como "grandes preventivos da espanhola".

A escassez dos calomelanos e sais de quinino, principais indicações oficiais de preservativos contra "o mal reinante", instigaram algumas empresas a apresentarem seus produtos como substitutos ideais destas drogas e, mais do que isso, a um preço baixo e, portanto, acessível às camadas sociais mais pobres. As águas minerais, tidas como eficientes substitutas dos calomelanos e soluções com baixa concentração de mercúrio, foram insistentemente anunciadas na imprensa. Uma função digestiva irregular era aceita como porta aberta para a contração da gripe espanhola. Em 17 de outubro de 1918, *O Estado de S. Paulo* oferecia um desses purgativos:

*Os mais distintos médicos são concordes em aconselhar a regularização das funções digestivas, intestinais, renais e biliares como preventivo da terrível epidemia. E para isso é infalível o uso da Água Mineral Platina – a Vichy brasileira. (O Estado de S. Paulo, 17 out. 1918, p. 1.)*

Eleito para período presidencial que principiara em 15 de novembro, Rodrigues Alves tornou-se garoto-propaganda da água Caxambu; uma publicidade estampava uma imagem do político sorridente empunhando uma garrafa do produto acompanhada dos seguintes dizeres: "A isto é que devo a minha saúde, o meu vigor, para governar ainda uma vez este País". Essa mensagem foi veiculada nos jornais e na revista *Fon-Fon* até o momento em que o personagem caiu gripado e adiou em várias oportunidades a posse do cargo presidencial, vindo a falecer em 16 de janeiro de 1919 sem assumir o posto para o qual fora eleito pela segunda vez.

O mesmo curso de mínima acessibilidade teve os sais de quinino, utilizados sobretudo como antitérmicos. A Água Tônica Antártica foi anunciada como preservativo gripal, acrescentando no rótulo da garrafa a informação de o líquido conter quinino, mensagem que permaneceu até época recente. Da mesma forma, o Quinado Balor, antes indicado para outras enfermidades, foi reconfigurado na publicidade para ocupar o papel de "preservativo" da gripe.

Além desses produtos, o limão, que tradicionalmente fazia parte da farmacopeia popular antigripal, tornou-se um produto caro e disputado. Tentando superar sua escassez, alguns laboratórios, como o L. Queiroz, anunciaram sua produção artificial no decorrer da crise sanitária (BERTOLLI FILHO, 2003).

O acelerado incremento da morbidade e da mortalidade gripal exasperava cada vez mais os medos sociais e, nesse sentido, produtos variados também foram oferecidos como eficientes para a influenza, não necessitando nem mesmo explicar a sua potencialidade de proteção contra a epidemia. Um deles, já então consagrado como preventivo da malária por conter compostos de quinino, passou a ser também indicado para a gripe:

#### *Influenza espanhola*

*Evita-se de modo seguro, usando um comprimido às refeições de Maleitosan – Preventivo.*

*(O Estado de S. Paulo, 22 out. 1918, p.10)*

Para os contingentes mais endinheirados, uma outra possibilidade era afastar-se do centro urbano por conta

própria, já que os serviços ferroviários foram interrompidos nos primeiros dias de novembro.

Aos que julgavam ser a maior distância dos centros urbanos sinônimo de segurança contra o contágio, outra opção eram os hotéis interioranos. Anúncios do Hotel da Empresa e do Grande Hotel garantiam que Poços de Caldas era a "Suíça brasileira" e que "a esta instância a gripe espanhola não atinge".

Mesmo para aqueles que tinham como única possibilidade entrincheirar-se em suas moradias, a decisão de trancarem-se em suas residências parecia não desestimular as tentativas de fazer negócios em um momento de crise. Avisos de alerta, como aquele fixado em uma estaca fincada no jardim de uma casa localizada na rua Cardoso de Almeida, advertia: "Não se atende a negócios de espécie alguma e não se recebe nem se fazem visitas" (BERTOLLI FILHO 2003).

A conjuntura ampliava as tensões sociais. A fúria popular contra a inoperância dos aparatos oficiais desdobrou-se em saques aos armazéns de gêneros alimentícios, nutrindo boatos de todos os tipos, desde o assassinato, por ordem médica, das pessoas em estado gripal mais grave até a ocorrência de um levante popular na Capital Federal, evento que nunca existiu. Por tudo isso, desde o final de outubro, vários jornais, inclusive os proletários *A Plateia* e *Fanfulla* estampavam em suas páginas uma mensagem avara em palavras, mas repleta de significados: "Nada de pânico, fumem SUDAN!"

### **Os "específicos" para a cidade tomada pela peste**

Nas primeiras semanas de novembro, quando o número de infectados tornou-se ainda maior, parece que a população assumiu silenciosamente que não havia drogas que pudessem evitar a contaminação coletiva. Com isso, além dos "preservativos" contra a gripe, a população passou a cobrar drogas específicas que salvassem as vítimas da peste. Em um momento no qual os jornais restringiram drasticamente o número de páginas de cada edição, a ponto de alguns deles, abaixo do título, acrescentarem "Boletim provisório da gripe", o tema epidêmico tornou-se único motivo das notícias e também das mensagens propagandísticas.



A elaboração de uma vacina antigripal foi cogitada. Nos primeiros dias do mês, uma notícia dominou a imprensa: o Instituto Butantan e o Instituto Oswaldo Cruz (que até março de 1918 era oficialmente denominado Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos) estavam trabalhando em conjunto na elaboração de uma vacina polivalente que, pelas lentes tomadas pelo medo dos jornalistas, teria potencialidade tanto para prevenir a infecção quanto para curar as vítimas da influenza. Quando findou a epidemia, o diretor do Instituto Butantan, Vital Brazil, foi vigorosamente criticado por não ter produzido a vacina prometida e também ter repassado a comercialização do Tônico Tonsillar e outras drogas para uma empresa privada, com os cofres públicos nada lucrando com isso. Findada a epidemia, Vital Brazil foi questionado por Artur Neiva sobre tais fatos, mas o conflito foi cuidadosamente acobertado, preferindo-se a versão segundo a qual seu primeiro desligamento do Butantan, ocorrido em julho de 1919, foi motivado pela "desarmonia de vistas" entre o cientista mineiro e a direção do Serviço Sanitário (VAZ, 1954, p. 52).

Alguns médicos, efetivamente acreditando em seus conhecimentos ou simplesmente devido à ânsia de ganhar dinheiro, redobravam esforços para proclamar que a vida dos infectados poderia ser salva com suas intervenções. O já mencionado Dr. Moura Lacerda ampliou em palavras o anúncio que fazia veicular desde outubro de 1918, pagando para O Estado de S. Paulo estampar o seguinte anúncio:

*DR. MOURA LACERDA – GRIPE PNEUMÔNICA REINANTE- 'ESPANHOLA'*

*Chegado do Rio de Janeiro, onde em 38 dias de concorridíssima clínica não perdeu um só doente da peste epidêmica, o Dr. Moura Lacerda atende a consultas e chamados, nesta capital, em seu consultório, à rua da Conceição n° 7, tel. 675, cidade, das 8 às 15 horas. Faz contratos com os poderes públicos, com câmaras municipais, fábricas ou associações para dirigir tratamentos coletivos. Trata pela flora brasileira, pela balnoterapia, helioterapia e agentes físicos. Dietas naturais e agentes purificadores. Todos saram. (O Estado de S. Paulo, 04 nov. 1918, p. 8)*

Outro médico que fugiu à discrição cobrada pela comunidade hipocrática foi o Dr. Paula Peruche que, tendo estagiado na Europa e pertencente às camadas abastadas de São Paulo, desde outubro vinha patrocinando publicidade na qual anunciava que tinha descoberto uma solução mercurial que agia tanto na prevenção quanto na cura dos gripados. Sua proposta foi imediatamente rejeitada pelos principais clínicos da cidade, sobretudo por Luiz Pereira Barreto que, em certo momento, propôs derivados de arsênico como substâncias profiláticas para a influenza. Nesse contexto, Paula Peruche mostrou-se avesso tanto aos seus pares quanto ao Serviço Sanitário, do qual se tornara inimigo depois de sua proposta terapêutica ter sido rejeitada e, mais do que isso, desqualificada frente à população. Ele respondeu a tais críticas desclassificando seus pares e o próprio Serviço Sanitário, acusando-os de oferecer informações falsas à população.

Os reiterados anúncios de que "não perdia pacientes para a espanhola" ganharam maior vigor em novembro, quando o médico dissidente foi tema tratado em matérias de praticamente todos os jornais da cidade. Em entrevista reproduzida pelo jornal O Estado de São Paulo (08 nov. 1918), o médico Paula Peruche diz empregar sais mercuriais com excelentes resultados na prevenção e cura da gripe.

Todos esses conteúdos convergem para a exaltação do clínico como um herói que não temia nem a gripe – pois aplicava em si a droga que prescrevia – nem as críticas que lhe eram endereçadas pela comunidade médica paulistana. O preparado que injetava no corpo de seus pacientes era o Óleo Cinzento, o qual foi explicado tanto como preventivo quanto curativo da gripe, composto em 40% de mercúrio purificado que, no final, era muitas vezes letal para o paciente. Tais mortes, justificava Paula Peruche, eram de responsabilidade dos clínicos e farmacêuticos que tentavam reproduzir a sua fórmula pois, pouco hábeis, a menor imprecisão na elaboração do produto condenava o paciente a óbito. Acrescentava ainda que não havia perdido nenhum paciente, mas uma pesquisa realizada pelo autor permitiu a localização de não menos que uma dúzia de registros de óbitos por gripe assinados pelo médico em questão.

O poder persuasivo da publicidade em torno de Paula Peruche e de seu composto coagiu muitas pessoas – gripadas ou não – a saírem de cidades interioranas, como Bauru, Sorocaba e Campinas, e rumarem para a Capital em busca da injeção salvadora, ampliando ainda mais os negócios do esculápio. Em 12 de novembro, *O Estado de S. Paulo* informou que aqueles que não conseguiam atendimento com o médico-herói recorriam a outros clínicos, subornando-os com até 100 mil réis para que prescrevessem a droga e, então, saíam em busca de algum farmacêutico que se prontificasse, também por uma boa recompensa, a preparar e aplicar a injeção com o composto peruchiano.

O sucesso público de Paula Peruche fez com que seu nome fosse mencionado em versos que também serviram de instrumento publicitário e que apresentavam o Licor de Van Swieten, líquido já tradicional no comércio e em cuja fórmula constava a presença de uma quantidade diminuta de mercúrio. *O Estado de S. Paulo* do dia 10 de novembro reproduziu uma dessas composições:

*Você quer não ter Gripe? – Venha cá...  
O Licor de Van Swieten vá tomar,  
Dez gotas n'água fria: veja lá,  
A farmácia está ali: entre, comprar...  
A Espanhola, eu garanto, não terá,  
Faça isto no almoço e no jantar,  
Espalhe a todo o Povo, corra, vá,  
Rouco estou de dizer e aconselhar! ...  
Foi o Dr. Peruche que acertou:  
Não há outro remédio pra Espanhola...  
Qual Barreto, Barreto sempre errou!  
Agora que o Prefeito diz ter pão,  
E, em lugar de o baixar, – Já dá de esmola,  
Só tenho a receitar: – Água e sabão! ...  
(O Estado de S. Paulo, 10 nov. 1918, p. 5)*

Outros clínicos, bem mais moderados e discretos que Paula Peruche, também deram publicidade a outras terapêuticas, prescrevendo-as como preservativos curativos do "mal reinante". Os médicos homeopatas Alberto Seabra e Murtinho Nobre anunciavam a Gripina como medicamento específico para a influenza, alertando em

A *Gazeta* de 5 de novembro que "a homeopatia não conhece segredos na gripe (...) nem perde casos" (BERTOLLI FILHO 2003).

Para além dos médicos, centros espíritas, curandeiros e ervateiros, muitos tinham o que oferecer à venda como remédio antigripal, de água fluídica a licores dentífricos, de xaropes alcoólicos a "sistemas" misteriosos e nunca revelados em peças publicitárias que marcavam ponto nas páginas dos jornais proletários. A Casa Armsbrust & Cia continuava a oferecer produtos fabricados no Instituto Butantan, apresentando como novidade de novembro uma solução de cafeína e cloridrato de ementina como específicos para os gripados. Em 5 de novembro, uma certa Madame Virgínia publicou um anúncio em vários jornais com uma mensagem contendo algo de misterioso:

#### *Gripe espanhola*

*Mme. Virgínia atende a chamados a domicílio, tratando exclusivamente pelo "Farador". Cura certa e rápida em poucos minutos". (O Estado de S. Paulo, 05 nov. 1918, p. 7)*

Nem só com remédios e sistemas curativos se pretendia movimentar o comércio na cidade tomada pela influenza. A Mappin Stores, imediatamente imitada por outras unidades do comércio, anunciava que com um simples telefonema os paulistanos poderiam solicitar a presença, em suas residências, de um representante da magazine acompanhado de uma série de produtos que poderiam ser selecionados e adquiridos pelos interessados. As peças publicitárias ocupavam espaços significativos nas poucas páginas dos diários de novembro, algumas delas reprisadas desde a última semana de outubro. Um anúncio articulou a sorte de se ganhar um prêmio lotérico e não ser infectado com o micróbio da gripe; em outra publicidade, aconselhava-se o aluguel de automóveis da marca Torpedo, aventando-se o fato de a velocidade alcançada pelo veículo não permitir que seus ocupantes fossem alcançados pelo vírus letal.

Não abandonar a fortaleza doméstica persistia como regra de ouro para não se expor aos riscos do contágio. Mesmo que os serviços de correio tenham sido interrompidos, anunciou-se uma série de cursos por

correspondência, inclusive de línguas estrangeiras, música, dança e técnicas comerciais (BERTOLLI FILHO 2003).

### **O declínio da 'espanhola' e os convalescentes**

Após o número diário de infecções e falecimentos por influenza alcançarem o topo em meados de novembro, a partir de então os índices decresceram aceleradamente; no primeiro dia de dezembro, foram registrados 300 casos novos e a tendência ao rebaixamento manteve-se significativa até o final da epidemia. Com isso, o discurso publicitário e as mercadorias apresentadas passaram por novas transformações, sendo então enfatizadas as drogas e produtos indicados como próprios para o consumo dos convalescentes. Ainda caiu no imediato esquecimento aqueles que haviam se colocado como heróis no combate à enfermidade, como o Dr. Paula Peruche.

Agradecimentos de pacientes aos médicos a quem atribuíam a salvação da vida, promessas e orações para santos, avisos fúnebres atrasados e críticas à fragilidade das instituições públicas durante a quadra epidêmica mesclavam-se com a publicidade de água mineral Lindóia, malzbier Antarctica, Biotônico Fontoura, Emulsão de Scott, chocolates Lacta, Leite Condensado Mococa, chás da Casa da China e latas de Mellin's Food. Todos esses produtos foram apresentados como "fortificantes" ou "protetores das funções corporais" que, ao serem consumidos, não só impedia a recaída gripal, sempre aludida como mortal, mas também agilizariam a recuperação da saúde dos enfraquecidos. Neste momento, alguns desses produtos instalaram-se no gosto popular, impulsionando seu consumo nos anos posteriores à epidemia, alguns deles perpetuando-se por décadas como itens a serem consumidos em nome da saúde e do vigor físico.

Em dezembro, o principal anunciante de drogas convalescentes na imprensa paulistana era o laboratório responsável pelo xarope Vanadiol. Em propagandas que variavam em conteúdo diariamente, o produto era lembrado como ideal para as consequências da infecção pelo vírus da influenza, como angústia, depressão, febres, "língua suja", depauperamento, anemia, sistema nervoso abalado, inteligência fraca, queda de cabelo, caspas, emagrecimento e principalmente tuberculose. Eis um exemplo

de mensagem veiculada pelo O Estado de São Paulo em 28 de novembro:

*Esteve com gripe?*

*Use o Vanadiol, é o melhor fortificante fosfatado, descansa e alimenta o sistema nervoso esgotado, tonifica o cérebro, nutre os músculos, engorda, dá sangue e vida. É aconselhado por todos os médicos. (O Estado de S. Paulo, 28 nov. 1918, p. 1)*

Outros itens foram redefinidos para as necessidades do novo momento. Redes para o repouso dos corpos combatidos pela enfermidade e chalés e hotéis praianos foram recomendados para aqueles que desejavam recuperar plenamente a saúde longe do burburinho metropolitano. Até a venda de uma boa rede cearense. Das melhores, da reputada Fábrica Iracema de Fortaleza (BERTOLLI FILHO 2003).

A cidade ganhava vida. As igrejas voltaram a funcionar para celebrar a proximidade do fim da epidemia e chorar pelos mortos por ela causada, as ruas ganhavam legiões de transeuntes e as partidas de futebol começaram a ocorrer, mesmo com a determinação de cada tempo da contenda passar de 45 para 35 minutos, para assim poupar os atletas de um esforço físico ainda não recomendado.

As casas comerciais reabriram e festejavam o fim do ano, todas elas invocando a necessidade de se comemorar o fim da guerra na Europa e o encerramento do tempo pestífero não só na cidade, mas em todo o mundo. As liquidações no comércio passaram a dominar os anúncios e as Casas Pernambucanas, A Cidade do Rio e o Mappin Stores falavam desse tempo no qual o medo e a morte deixaram de impregnar o cotidiano paulistano. Desde os últimos dias de novembro, o Mappin passou a informar sobre a reabertura de seu salão de chá para a realização do seu *five o'clock tea*.

Comemorando o quinto aniversário de fundação, um anúncio do Mappin, versava sobre uma "grande liquidação" de seus produtos (BERTOLLI FILHO 2003).

A euforia tomava conta da cidade. A praga de gafanhotos e as geadas já eram ameaças distantes e as greves temidas acabaram não acontecendo. O fim da guerra na

Europa e, logo depois, o encerramento do ciclo pestífero, abriam-se com uma nova oportunidade para a vida coletiva. Era também o instante indicado para a recuperação do conforto familiar e o preparo das residências para os festejos de fim do ano.

O ano de 1918 encerrou-se e pouco se falou da gripe espanhola desde então, a não ser nos momentos em que ocorreram novas pandemias gripais, tornando-se a gripe espanhola o paradigma da tragédia que pode ser fomentada pela influenza pandêmica. As campanhas publicitárias que invocavam a epidemia também foram cessando, sendo que os últimos e raros anúncios deram-se em abril de 1919. Parecia que todos queriam esquecer o momento em que a sociedade paulistana teve que, mais do que nunca, lutar pela sua sobrevivência.

### **Considerações finais**

O empenho em retomar a trajetória da epidemia de influenza de 1918 somou-se à decisão de privilegiar uma fonte documental que ainda pouco chamou a atenção dos pesquisadores como núcleo e que, contextualizado, permite a "leitura" dos processos sociais mais amplos. Mesmo assim, a combinação do tema e da documentação viabilizaram o acesso a situações em escala micro, como a do Dr. Paula Peruche e de outros vendedores anônimos de itens que até hoje surpreendem ao serem associados às possibilidades de vida e saúde na cidade assediada pela peste.

No plano da História Social da Medicina e da Enfermidade, as orquestrações publicitárias mencionadas remetem aos comportamentos sociais ditados pela precariedade ou inexistência dos amparos que se esperavam por parte das esferas de poder, especialmente a Medicina e o Estado. É certo que as peças publicitárias, como formulações culturais, cumpriram um papel no transcorrer do reinado da influenza. Para uma população que se descobriu órfã dos apoios tradicionais, a publicidade vendia esperanças e, de alguma maneira, contribuía para a superação coletiva da "grande provação". Na ausência de drogas e tratamentos eficientes, especialmente de vacinas, os remédios condenados pela medicina oficial, os métodos

terapêuticos desconhecidos, a aguardente e a rede para repouso a floraram como recursos simbólicos de luta pela existência. E essa é uma das facetas de uma epidemia que não podemos deixar cair no esquecimento.



## Referências

- ALVAREZ, A. et al. A gripe de longe e de perto: comparações entre as pandemias de 1918 e 2009. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 1065-1113, out.- dez. 2009.
- BARRY, J. M. **The great influenza: the story of the deadliest pandemic in history**. New York: Penguin, 2005.
- BERTOLLI FILHO, C. Opinião pública, mídia e Estado: a epidemia de meningite em São Paulo (1971-1977). In: SANTOS, C.M.R.G. dos (org.). **Opinião pública e as relações (im)possíveis**. Bauru: Núcleo Opinião Unesp, 2005, p. 163-185.
- BERTOLLI FILHO, C. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- BERTOLLI FILHO, C. Estratégias jornalísticas no noticiamento de uma epidemia: a Gripe Espanhola em São Paulo. In: MONTEIRO, Y. N. (org.). **História da saúde: olhares e veredas**. São Paulo, Instituto de Saúde, 2010, p. 13-26.
- BERTOLLI FILHO, C. Por uma história recorrente da medicina, da saúde e da enfermidade. **Interface: comunicação, saúde, Educação**, Botucatu, v. 21, n. 61, p. 251-255, abr.-jun. 2017.
- BERTUCCI, L. M. Ciência, medo e morte na influenza de 1918. In: MONTEIRO, Y. N. (org.). **História da saúde: olhares e veredas**. São Paulo, Instituto de Saúde, 2010, p. 205-214.
- BERTUCCI, L. M. **Influenza: a medicina enferma: ciências e práticas de cura na época da gripe espanhola**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.
- BERTUCCI-MARTINS, L. M. Entre doutores e para leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 143-157, jan.- abr. 2005.
- BRITO, N.A. "La dansarina": a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 11-30, mar.-jun. 1997.

- BROWN, C. **Minnesota, 1918: when flu, fire, and war ravaged the State**. St. Paul: Minnesota Historical Society Press, 2018.
- CROSBY, A. W. **America's forgotten pandemic: the influenza of 1918**. 2nd. ed., Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DALL'AVA, J. P.; MOTA, A. A gripe espanhola em Sorocaba e o caso da fábrica Santa Rosália, 1918: contribuições da história local ao estudo das epidemias no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 429-446, abr.-jun.2017.
- FREYRE, G. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 2ª. ed., São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- KOLATA, G. **Flu: the story of the great influenza pandemic of 1918 and the search for the virus that caused it**. New York: Touchstone Books, 2001.
- OESTADODESÃO PAULO. São Paulo, ano XLIV, n. 14.537, 17 out. 1918. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181017-14537-nac-0001-999-1-not>.
- OESTADODESÃO PAULO. São Paulo, ano XLIV, n. 14.542, 22 out. 1918. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181022-14542-nac-0001-999-1-not>.
- OESTADODESÃO PAULO. São Paulo, ano XLIV, n. 14.544, 24 out. 1918. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181024-14544-nac-0011-999-11-clas>.
- OESTADODESÃO PAULO. São Paulo, ano XLIV, n. 14.546, 26 out. 1918. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181026-14546-nac-0001-999-1-not>.
- OESTADODESÃO PAULO. São Paulo, ano XLIV, n. 14.555, 4 nov. 1918. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181104-14555-nac-0001-999-1-not>.
- OESTADODESÃO PAULO. São Paulo, ano XLIV, n. 14.556, 5 nov. 1918. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181105-14556-nac-0001-999-1-not>.
- OESTADODESÃO PAULO. São Paulo, ano XLIV, n. 14.559, 8 nov. 1918. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181108-14559-nac-0007-999-7-not>.
- OESTADODESÃO PAULO. São Paulo, ano XLIV, n. 14.561, 10 nov. 1918. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181110-14561-nac-0001-999-1-not>.

- O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, ano XLIV, n. 14.579, 28 nov. 1918. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181128-14579-nac-0001-999-1-not>.
- PIEDRAS, E. R.; JACKS, N. A contribuição dos estudos culturais para a abordagem da publicidade: processos de comunicação persuasiva e as noções 'articulação' e 'fluxo'. **E-Compós**, Brasília, v. 6, 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/issue/view/6>. Acesso em: 28 fev. 2018.
- RODRIGUES, J. H. **Teoria da história do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1978.
- SÃO PAULO (Município) Cidade. **Ofício n° 477** do prefeito Washington Luís relativamente às providências tomadas pela municipalidade durante a epidemia de gripe e de acordo com a Resolução n° 131, de 26 de outubro de 1918, da Câmara. São Paulo: Casa Vanorden, 1918.
- SÃO PAULO (Estado). Decreto n° 2918 de 9 de abril de 1918. São Paulo: **Diário Oficial**, 1918.
- SOUZA, C. M. C. de. **A gripe espanhola na Bahia**: saúde, política e medicina em tempo de epidemia. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; Salvador: Edufba, 2009.
- VAZ, E. **Hidra de Lerna**: lenda e realidade. São Paulo: Gráficas de Saraiva, 1954.